

UNIFEV - CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOTUPORANGA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

VITOR HUGO MELEGARI PINA
VICTÓRIA MARIA GONÇALVES GIRÉTTI

**LUTO SIMBÓLICO EM *COMER, REZAR, AMAR*: LEITURA PSICOLÓGICA DAS
MANIFESTAÇÕES DA PERDA**

VOTUPORANGA

2025

VITOR HUGO MELEGARI PINA
VICTÓRIA MARIA GONÇALVES GIRÉTTI

**LUTO SIMBÓLICO EM *COMER, REZAR, AMAR*: LEITURA PSICOLÓGICA DAS
MANIFESTAÇÕES DA PERDA**

Artigo apresentada à Unifev – Centro Universitário de Votuporanga – para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre da Silva de Paula.

VOTUPORANGA
2025

Pina, Vitor Hugo Melegari.

Luto simbólico em Comer, Rezar, Amar: Leitura psicológica das manifestações da perda. / Vitor Hugo Melegari Pina; Victória Maria Gonçalves Girétti. - Votuporanga. Ed. do Autor, 2025. 24 p., 30cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Bacharelado) - UNIFEV - Centro Universitário de Votuporanga, Curso de Psicologia, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre da Silva de Paula.

1.Luto simbólico. 2. Psicologia. 3. Cinema. 4. Análise fílmica. I. Girétti, Victória Maria Gonçalves. II. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unifev.

Dados fornecidos pelo autor(a). Essa ficha
não pode ser modificada.

Bibliotecária Responsável: Marcia Faria Cavalcante - CRB-8/ 10706

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOTUPORANGA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

VITOR HUGO MELEGARI PINA
VICTÓRIA MARIA GONÇALVES GIRÉTTI

**LUTO SIMBÓLICO EM *COMER, REZAR, AMAR*: LEITURA PSICOLÓGICA DAS
MANIFESTAÇÕES DA PERDA**

Artigo apresentada à Unifev – Centro Universitário de Votuporanga – para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre da Silva de Paula.

Aprovado: ___ / ___ / ___

Primeiro examinador

Nome: Prof. Renan Bandeira Dias

Instituição: Unifev – Centro Universitário de Votuporanga

Segunda examinadora

Nome: Prof.^a Carol Godoi Hampariam

Instituição: Unifev – Centro Universitário de Votuporanga

Prof. Orientador

Nome: Prof. Dr. Alexandre da Silva de Paula

VOTUPORANGA

2025

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE PSICOLOGIA

Aos dois dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e cinco, às dezenove horas e trinta minutos, realizou-se no local: UNIFEV CAMPUS CENTRO, do Centro Universitário de Votuporanga - Unifev, nas formas e termos regulamentais desta Instituição, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado Luto simbólico em Comer Rezar e Amar: Leitura Psicológica das manifestações da perda de autoria de VICTÓRIA MARIA GONÇALVES GIRETTI E VITOR HUGO MELEGARI PINA. A sessão de defesa do trabalho deu-se sob o julgo da Banca Examinadora composta pelos docentes: Prof. ALEXANDRE DA SILVA DE PAULA, Prof.ª CAROL GODOI HAMPARIAM E RENAN BANDEIRA DIAS, e presidida por Prof. ALEXANDRE DA SILVA DE PAULA. Iniciado os trabalhos, a presidência deu conhecimento aos membros da banca e ao(s) candidato(s) sobre as normas que regem a defesa do TCC e definiu-se a ordem a ser seguida pelos examinadores para a arguição. A seguir, houve a defesa do trabalho e, encerrada a apresentação, procedeu-se ao julgamento reservado, tendo sido o trabalho APROVADO . O parecer da banca examinadora, anunciado publicamente, ficou registrado conforme segue: O trabalho foi considerado adequado dentro dos padrões acadêmicos, sendo necessário ajustar os apontamentos da banca. Nada mais tendo a tratar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos membros da banca e autores do trabalho. Votuporanga, 02 de dezembro de 2025.

Assinaturas (5 pessoas)

Usuário	Função	Instituição	Lido em	Assinado em	IP
Vitor Hugo Melegari Pina	Aluno	UNIFEV	04/12/2025 18:54:33	04/12/2025 20:47:22	38.250.93.93
Victória Maria Gonçalves Giretti	Aluno	UNIFEV	04/12/2025 21:15:27	04/12/2025 21:18:38	170.246.186.17
Renan Bandeira Dias	Banca	UNIFEV	04/12/2025 18:58:16	04/12/2025 18:58:22	104.28.63.146
Carol Godoi Hampariam	Banca	UNIFEV	04/12/2025 18:58:37	04/12/2025 18:58:40	170.246.186.17
Alexandre da Silva de Paula	President	UNIFEV	04/12/2025 18:52:32	04/12/2025 20:46:54	187.43.195.127

*Banca realizada presencialmente e assinaturas coletadas via aceite eletrônico.

LUTO SIMBÓLICO EM *COMER, REZAR, AMAR*: LEITURA PSICOLÓGICA DAS MANIFESTAÇÕES DA PERDA

VITOR HUGO MELEGARI PINA¹

VICTÓRIA MARIA GONÇALVES GIRÉTTI²

Resumo

Este artigo tem como objetivo estabelecer uma relação entre o cinema e a psicologia, considerando modalidades de lutos não reconhecidos, especialmente o término de relacionamentos e a fragilidade diante das perdas, como apresentado no filme *Comer, Rezar, Amar*. Fundamenta-se em teorias atuais que abordam o processo do luto em diferentes etapas, além de analisar diferentes conteúdos emotivos representados em formato audiovisual, a fim de compreender de que forma o luto simbólico é representado pela linguagem cinematográfica e pela psicologia. Trata-se de um estudo de caso com análise qualitativa de cenas, gestos, falas e outros componentes audiovisuais, que permitiu interpretar a evolução da protagonista desde a dor inicial até a cura. Foram identificadas três fases principais: a experiência inicial da perda (choque, negação e dor), a busca espiritual por resignificação e equilíbrio emocional, e a reconstrução afetiva e social. Destacam-se ainda momentos de enfrentamento da perda e deslocamento, a continuidade da vida, o papel do apoio social e da resignificação da vida. Como conclusão, a protagonista supera a dor e o sofrimento inicial através do autoconhecimento, para finalmente ser capaz de reconstruir-se emocionalmente e redescobrir o amor.

Palavras-chave: luto simbólico; psicologia; cinema; análise fílmica.

Abstract

This article aims to establish a relationship between cinema and psychology, considering forms of unrecognized grief, especially the end of romantic relationships and the fragility experienced in the face of loss, as portrayed in the film *Eat, Pray, Love*. It is based on current theories addressing the grieving process in its different stages, as well as on the analysis of various emotional contents represented in audiovisual form, in order to understand how symbolic grief is represented through cinematic language and psychology. This is a case study with a qualitative analysis of scenes, gestures, dialogues, and other audiovisual elements, which allowed for the interpretation of the protagonist's evolution from initial pain to healing. Three main phases were identified: the initial experience of loss (shock, denial, and pain), the spiritual search for meaning and emotional balance, and the affective and social reconstruction. The study also highlights moments of coping with loss and displacement, the continuity of life, the role of social support, and the re-signification of existence. In conclusion, the protagonist overcomes her initial pain and suffering through self-knowledge, ultimately becoming capable of emotional reconstruction and rediscovering love.

Keywords: symbolic grief; psychology; cinema; film analysis.

¹ Unifev – Centro Universitário de Votuporanga. Votuporanga, São Paulo, Brasil. Bacharelado em Psicologia. Email: vitorhugo.pina1234@gmail.com.

² Unifev – Centro Universitário de Votuporanga. Votuporanga, São Paulo, Brasil. Bacharelado em Psicologia. Email: Vitoriagiretti@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O luto é definido como um sofrimento social motivado pela experiência de perda, é uma emoção compartilhada da existência humana. No entanto, o luto não está mais restrito à morte física de indivíduos significativos e pode ocorrer também no contexto de rupturas emocionais, ajustes de identidade e outros tipos de perda simbólica, conhecidas como luto simbólico.

Este artigo pretende estabelecer uma conversa entre psicologia e cinema. Nas artes, o cinema contemporâneo surge como um local privilegiado para a expressão da resposta afetiva por parte do sujeito à experiência de luto, projetando a vida invisível do afeto humano e exercendo um papel pedagógico em termos de desenvolver empatia e possibilitar capacidades de reflexão.

Nesse sentido, a questão norteadora deste trabalho é: em que medida os processos e dimensões do luto acompanham a jornada da personagem desenvolvida na narrativa cinematográfica.

Assim, este artigo pretende identificar os sintomas de luto simbólico presentes no filme *Comer, Rezar, Amar* e entender as etapas de perda e recuperação. O objeto deste estudo é a narrativa cinematográfica: *Comer, Rezar, Amar*, de 2010, cuja personagem principal, Liz Gilbert, vê seu casamento desmoronar, um processo que segue estágios de oscilação entre perda e reconstrução emocional na personagem protagonista.

O artigo consiste em buscar a necessidade de combinar modelos tradicionais com perspectivas mais contemporâneas, considerando os aspectos simbólicos do luto, que não o restringem à morte física de um ente querido. A relevância do filme analisado baseia-se nas possibilidades de estabelecer diálogos de multidisciplinaridade entre psicologia e cinema.

Em relação à metodologia, este trabalho é de natureza qualitativa, tipo estudo de caso. Consiste na análise do filme sobre as expressões de simbolismo vividas pela protagonista, bem como as cenas, movimentos, cenário, comportamentos, diálogos e fragmentos musicais relacionados à protagonista, Liz. Assim, o simbolismo das ações relacionadas ao tempo de luto identificado para cada um dos psicólogos é estudado utilizando-se a análise de conteúdo, incluindo o objetivo de construção de um texto crítico, baseado na teoria da história, que aponta a veracidade dos sintomas.

Ao final, espera-se que este trabalho, através dessa modesta contribuição, tenha esclarecido traços de luto, suas representações socioculturais, bem como a importância do

cinema para dar voz e visibilidade às experiências subjetivas de perda, dor e reconstrução psíquica presentes nesta experiência humana.

Para integrar todos esses elementos, este estudo se organiza de forma a apresentar inicialmente os fundamentos teóricos sobre o luto e o luto simbólico, seguido pela análise metodológica adotada e, posteriormente, pela discussão das cenas do filme selecionadas. Dessa forma, a estrutura proposta busca oferecer ao leitor um percurso claro entre teoria, método e interpretação audiovisual.

1 DESENVOLVIMENTO

1.1 Modelos e abordagens do luto

O luto é uma experiência universal que abrange dimensões emocionais, cognitivas, sociais e culturais. A sistematização científica desse fenômeno começou com o modelo de estágios de Kübler-Ross (1969), que descreve cinco fases da perda: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. O modelo retrata o luto como um ciclo que se desenvolve naturalmente, começando pela negação como mecanismo de defesa, permitindo ao indivíduo absorver um fato de cada vez. Em seguida, a raiva pode ser redirecionada contra si mesmo ou contra outros, aparecendo como frustração e desespero. A barganha surge quando a pessoa apela a um poder superior para tentar reverter o que já aconteceu. A depressão ocorre quando se visualiza a perda com a diminuição de compromissos, e finalmente a aceitação, onde o indivíduo se reintegra à realidade, ainda que a dor possa permanecer.

Kübler-Ross (1969) reconhece que a forma como cada pessoa lida com o luto é questão pessoal, com distintas manifestações de dor. Esta flexibilidade permitiu que seu modelo fosse aplicado em diferentes cenários clínicos, educacionais e comunitários. Sua contribuição foi fundamental para eliminar o estigma e a invisibilidade do luto, legitimando-o como objeto de pesquisa e trabalho de cuidado, criando uma linguagem comum em torno da perda que se transforma em alívio emocional para o enlutado.

1.2 Críticas e evoluções do conceito de luto

No entanto, o modelo tem seus críticos. Profissionais de saúde mental afirmam que a dor não segue um manual de regras e que os estágios podem acontecer fora de ordem ou se repetir. Como resposta a esses modelos lineares, Stroebe e Schut (1999) propuseram o Modelo de Processo Dual, que representa uma importante evolução na compreensão dos processos de enfrentamento da perda. Segundo tal modelo, o enlutado oscila entre duas orientações principais: o foco na perda, centrado na dor emocional e no confronto direto com a perda, e o foco na restauração, relacionado à adaptação e reconstrução emocional.

O enfrentamento bem-sucedido do luto requer um processo de oscilação entre duas orientações: foco na perda e foco na restauração. O foco na perda envolve lidar com o estresse relacionado à perda propriamente dita, incluindo o trabalho do luto, a intrusão do sofrimento, o rompimento de vínculos, a negação/evitação das mudanças restaurativas. O foco na restauração trata dos estressores secundários decorrentes da perda, tais como atender às mudanças da vida, realizar novas atividades, buscar distração do sofrimento e a negação/evitação do luto. (Stroebe; Schut, 1999, p. 207, tradução nossa).

Essa oscilação entre perda e reconstrução faz com que o processo se torne menos doloroso para o indivíduo, criando um tipo de equilíbrio emocional necessário para se ajustar à vida após a perda. O modelo admite que o luto não é estático nem indivisível, abrindo espaço para um processo em que o enlutado trabalha várias etapas emocionais. Essa flexibilidade é muito importante para a superação psicológica, pois permite um meio-termo entre o sofrimento intenso e a incessante negação da perda.

1.3 A contribuição Freudiana ao estudo do luto

A psicanálise freudiana oferece uma perspectiva fundamental para compreender os processos psicológicos envolvidos no luto. Em seu texto seminal *Luto e Melancolia* (1917), Freud estabelece que o luto normal é "a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela" (Freud, 2013, p. 28), antecipando assim o conceito contemporâneo de luto simbólico que norteia esta pesquisa.

Para Freud, o luto envolve um "trabalho" psíquico específico (*Trauerarbeit*): trata-se de um processo gradual de desligamento emocional no qual "uma a uma, as lembranças e expectativas pelas quais a libido se ligava ao objeto são focalizadas e superinvestidas e nelas se realiza o desligamento da libido" (Freud, 2013, p. 29). Embora doloroso, este trabalho é necessário para que, ao final, "o ego fique novamente livre e desinibido" (Freud, 2013, p. 29), pronto para novos investimentos afetivos.

Esta concepção será particularmente útil para analisar a jornada de Liz Gilbert, pois permite compreender sua trajetória não apenas como uma sequência de estágios, mas como um trabalho psicológico ativo de desinvestimento emocional do casamento perdido e reinvestimento em uma nova identidade e novos relacionamentos.

1.4 Contribuições terapêuticas e construcionistas

Em se tratando do âmbito clínico, Worden (1998) propôs tarefas de luto que incluem aceitar a realidade da perda, experimentar a dor do luto, ajustar-se a viver em um mundo sem a coisa perdida e formar uma conexão duradoura com o que se foi. O modelo atua como uma diretriz para medidas terapêuticas que visam recuperar gradualmente o controle sobre a dor, reestruturar a vida diária e construir novos laços emocionais. Worden (1998) transmite a ideia de que o processo de luto não é linear, nem uniforme, e todos nós o fazemos ao nosso próprio ritmo.

Segundo Neimeyer (2001), a dor do luto exige uma resignificação da realidade, a restauração de valores e propósitos, a fim de construir novos significados. A terapia deve ser sobre ajudar os enlutados a criar essas novas histórias, aprendendo a encontrar um lugar para a perda em suas vidas, sem permitir que essa perda se torne a única história. Neimeyer (2001) expande a concepção tradicional de luto e perdas, considerando os impactos culturais, sociais e pessoais da perda.

1.5 O luto representado no cinema

O presente estudo estabelece uma relação entre a psicologia e o cinema, uma vez que o discurso cinematográfico é capaz de representar emoções humanas através de histórias fictícias ou reais. O cinema representa um meio privilegiado para lidar com muitas facetas do luto, permitindo uma expressão audiovisual que vai além dos limites da linguagem verbal. O cinema tem o poder de expor, de tornar visível, audível o que normalmente está além do idioma das palavras: nossos sentimentos mais profundos e nossos conflitos mais íntimos.

Morin (1970, p. 132) afirma que: "Mergulhamos nele como num espelho onde nos surja 'a raiz da alma, seu fundamento'. [...] O grande plano vê muito mais que a alma na alma: vê o mundo na raiz da alma". Dessa forma, o cinema não se limita a contar histórias; ele as encarna, permitindo uma experiência sensorial e simbólica que comunica diretamente com a subjetividade do espectador. A expressividade do cinema deve-se à sua apresentação integrada de imagem, som, narrativa e ritmo, de tal maneira que o espectador pode vir a sentir uma forma particular de vivenciar o luto.

Napolitano (2003) afirma que filmes que tratam de temas como luto e perda promovem empatia e estimulam perspectivas sobre os componentes sociais e emocionais da vida humana. É uma característica pedagógica do cinema que contribui para quebrar o silêncio e desenvolver compaixão pelo sofrimento. Essa experiência de empatia aprimora o aspecto pedagógico do filme, permitindo a sensibilização e o diálogo em contextos educacionais e terapêuticos.

1.6 O luto simbólico na jornada de Liz em *Comer, Rezar, Amar*

No filme *Comer, Rezar, Amar* (2010), a jornada da protagonista Liz mostra algumas etapas do luto e indica possíveis caminhos para a cura emocional, mental e espiritual. Liz rompe um casamento de oito anos e embarca em uma viagem por diferentes contextos culturais: Itália, Índia e a ilha de Bali, pertencente à Indonésia, em uma intensa busca por si mesma e por libertar-se da dor. No filme é possível perceber os caminhos de Liz: inicialmente, a aceitação; passando pelo choque, negação e sofrimento; dedicação e iluminação, representados por sua passagem pela Índia; a reconstrução e retorno à vida, quando a protagonista se torna outra vez a heroína de sua própria história e é capaz de amar novamente.

Essas fases não são para serem demonstradas de forma literal ou linear, mas sim como estados flexíveis e dinâmicos que refletem a experiência do luto. A trajetória de Liz ilustra tanto a natureza universal deste processo quanto o caráter individualizado de cada história vivida,

mostrando a resiliência humana e a possibilidade de reconstrução após as perdas. A narrativa cinematográfica mostra o que se deve fazer, em termos práticos e emocionais, para superar a perda: entender a dor, adaptar-se a uma nova realidade, investir sua energia afetiva e vital de forma diferente.

Comer, Rezar, Amar (2010) é um documento visual das fases do luto, capaz de expor os complexos processos envolvidos na perda e na reconstrução. A combinação de algumas posições teóricas da psicologia com a linguagem cinematográfica ilumina a experiência da perda. Essa aproximação torna o sofrimento mais manifesto, compartilhável e abre espaços de empatia e diálogo. Portanto, o cinema auxilia o público a ter uma postura mais sensível, inclusiva e positiva diante das experiências e expressões do luto.

2 MÉTODO

O artigo analisa as experiências afetivas e os processos de reconstrução íntima da personagem Liz no filme *Comer, Rezar, Amar* (2010), que narra sua jornada de autodescoberta após um divórcio doloroso através de três locais: Itália, Índia e Bali.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, tendo como objeto o filme *Comer, Rezar, Amar*. A abordagem permite observar as mudanças da protagonista e compreender as diferentes fases do luto com base em autores como Kübler-Ross (1969), Worden (1998), Stroebe e Schut (1999) e Neimeyer (2001), além das contribuições de Morin (1970) e Napolitano (2003) para a compreensão da linguagem cinematográfica e da expressão audiovisual. A pesquisa utiliza também análise de conteúdo conforme Bardin (1977), permitindo organizar e interpretar elementos emocionais, simbólicos e narrativos presentes na obra.

2.1 Procedimentos para coleta e análise dos dados

A coleta de dados ocorreu por meio de múltiplas visualizações do filme, permitindo observar detalhadamente diálogos, enquadramentos, trilha sonora, expressões faciais e elementos simbólicos relevantes para o tema do luto simbólico. As cenas foram organizadas de

acordo com critérios temáticos previamente definidos, como: presença de indicadores emocionais relacionados ao luto; momentos de transição interna da personagem; cenas associadas às categorias “perda”, “dor”, “reorganização” e “ressignificação”.

Após a organização das cenas, procedeu-se à análise de conteúdo, conforme Bardin (1977), seguindo as etapas de: Pré-análise: seleção do material relevante e definição das categorias temáticas; Exploração do material: codificação dos trechos selecionados e identificação de padrões emocionais, simbólicos e narrativos; Tratamento dos resultados: interpretação dos achados à luz dos modelos teóricos de Kübler-Ross, Worden, Stroebe e Schut, Neimeyer, bem como das leituras sobre cinema propostas por Morin e Napolitano.

Esse processo permitiu compreender como o filme representa elementos do luto simbólico e de que forma a trajetória emocional de Liz dialoga com teorias psicológicas e com a linguagem cinematográfica.

O filme foi selecionado por permitir observar, não apenas através do enredo, mas de elementos simbólicos, os processos de perda e reconstrução. Foram escolhidas cenas com base em critérios temáticos que demonstram forte carga emocional ou estágios do luto, a partir de múltiplas visualizações do material. A seleção incluiu momentos associados ao luto simbólico e às transições internas da protagonista, priorizando cenas relacionadas aos temas: perda, dor, reorganização e ressignificação.

A análise foi realizada mediante análise de conteúdo conforme Bardin (1977), adaptada para conteúdos audiovisuais. A técnica permitiu identificar, classificar e interpretar recursos verbais e não verbais como indicadores das fases do luto, com apoio das referências teóricas de Napolitano (2003) e Morin (1970) para a decodificação da linguagem cinematográfica. Além disso, foram examinadas experiências afetivas e processos de reconstrução íntima de Liz após o divórcio, considerando suas vivências específicas na Itália, Índia e Bali, articulando esses elementos às categorias teóricas selecionadas.

3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

3.1 Síntese da narrativa: a jornada de Liz em *Comer, Rezar, Amar*

Como se trata de um estudo de caso, ou seja, a análise de um filme, a fim de tornar o texto mais didático, considera-se interessante apresentar uma síntese cinematográfica do filme em questão.

A protagonista do filme é Elizabeth Gilbert ou simplesmente Liz (Júlia Roberts), uma renomada escritora que já viajou por diversos países. Encarregada de escrever um artigo sobre Bali, na Indonésia, depara-se com um curandeiro local: Ketut. Liz questiona sobre seu relacionamento e fica sabendo que vai ter dois casamentos (um longo e um curto).

O filme avança seis meses: Liz casada com Stephen (Billy Crudup), uma escritora bem sucedida e badalada. Stephen quer voltar para a faculdade e ela pensa no que o curandeiro lhe havia dito, e diz que deveria estar no casamento curto. Afirma que compraram uma casa confortável há um ano, que ela participou de tudo, embora não se sentisse presente ali. Sua vontade era correr até chegar à Groelândia, mas em vez disso tomou a decisão de rezar para Deus. Enfim, toma a decisão de pedir o divórcio, após oito anos de casada.

Em um outro plano, Liz assiste à apresentação de uma de suas obras: "A Membrana Permeável". Conhece o ator em cena, David (James Franco), que interpreta um de seus personagens. Ficam íntimos. Liz admite que saiu rapidamente do casamento para os braços de David. Num outro corte temporal, Liz e o marido se reencontram para discutir os termos do divórcio. O marido de sua amiga diz que ela se parecia com Stephen e agora, com David. Não se encontra na relação. Sente-se entediada e toma a decisão de visitar três lugares: a Itália, a Índia e Bali.

Vai para a Itália. Conhece Sofi, uma sueca de quem se torna amiga. Ao tomar água em uma fonte, não controla o jato se molha toda, sinal de que ainda lhe falta controle. Ela se encontra com o paladar, mas ainda assim, se sente culpada, pois engordou mais de dez quilos. Comer não é a solução. O vinho é visto como um terapeuta e comer uma forma de acabar com a culpa. Há uma cena em que ela olha para um vestido no manequim e fica triste, por saber que tal peça não cabe nela.

Outro plano e Liz está na Índia. É o segundo momento da reconstrução da protagonista. A velocidade dos carros e das pessoas mostram a mudança de ambiente. O caos no trânsito e a miséria das pessoas na rua é como se fossem um reflexo dela mesma. Agora seu caminho é a meditação. Num ashram (retiro espiritual) conhece Richard (Richard Jenkins). Ele também é divorciado e os dois compartilham seus dramas. Liz afirma que se sente desconectada, que na meditação não consegue se concentrar e que é difícil parar de pensar.

Richard chama Liz carinhosamente de "armazém". Ela se queixa por não conseguir se concentrar na sala de meditação. Richard fala para Liz esvaziar a mente, preenchida pelo

namorado, e que assim poderia amar o mundo inteiro e sua mente seria preenchida por Deus. Ao participar de um casamento indiano, Liz recorda o dia o seu casamento. É como se ela instantaneamente fosse transportada para aquele dia. Stephen, o marido, escolheu uma música diferente daquela que eles haviam combinado, a fim de se exhibir na festa. Só ele dança. Mas ela aceita numa boa.

Richard conta sua história e aconselha Liz a ficar ali até se perdoar, acrescentando que assim as coisas iriam se ajeitar. Uma cena importante na reconstrução íntima de Liz é quando ela se vê no dia do casamento, dançando com o marido a música que eles escolheram. Num imaginário diálogo, ela diz que o amava. O marido diz que ainda a ama e que sente a falta dela. Liz, então, diz para ele amar, sentir a sua falta, enviar luz toda vez que pensar nela. Richard vai embora, mas aconselha Liz a acreditar novamente no amor. Liz resume todo o ensinamento indiano em uma frase: "Deus reside em você, como você". Após tocar um colorido elefante, vai para Bali.

A mudança de cenário é muito importante para a reconstrução íntima de Liz. A natureza é exuberante e ela é mostrada livremente, andando de bicicleta. Ela procura o curandeiro Ketut que diz não se lembrar dela. Para o curandeiro, Liz está mudada. Ela aluga um lugar paradisíaco para ali ficar. Descobre com o povo de Bali que a pessoa para ser feliz precisa saber onde está a todo instante.

Numa outra cena, Liz é atropelada por Felipe (Javier Bardem), um brasileiro que ela passa a conhecer. Logo depois, Liz conhece Wayan, uma curandeira local, e sua filha Tutti. Wayan também é divorciada. Liz e Felipe se reencontram. Descobre que ele também é divorciado. Ketut, o curandeiro, diz para Felipe que ele também tem medo de abrir o coração.

A curandeira Wayan conta sua história. Há uma frase dita por Liz extremamente rica de significados: Quando você se ajuda, ajuda a todos. O nome da filha da curandeira é Tutti (todos em italiano). O sonho de Tutti era ter uma casa. Liz, então, ajuda a realizar o sonho da menina.

Num outro corte, Felipe propõe para Liz uma viagem até uma pequena ilha, onde ficariam sozinhos por alguns dias. Ela fica hesitante, sem saber o que fazer. Felipe diz que ela tem medo de amar de novo e que não quer abrir mão do equilíbrio. Ela o deixa. Decidida a partir, Liz visita Ketut. Os dois admitem que foram curados um pelo outro. Quando Ketut pergunta sobre Felipe, ela diz que rompeu com ele por não conseguir manter o equilíbrio. Ketut diz para Liz que perder o equilíbrio no amor faz parte de uma vida equilibrada.

Antes da cena final, Liz faz a seguinte reflexão, definindo o que ela chama de física da procura: "Se você tiver coragem de largar tudo, se for corajoso o bastante para deixar para trás tudo o que é familiar e confortável e planejar uma viagem de busca verdadeira, seja exterior ou

interna, e se considerar tudo o que aconteceu com você nessa viagem uma pista e se aceitar todos como seus professores e se estiver preparado, acima de tudo a enfrentar e perdoar algumas realidades bem difíceis sobre si mesmo, a verdade não será negada a você". Na última cena, Liz vai à procura de Felipe e diz uma palavra que aprendeu, quando esteve na Itália: "attraversiamo" (atravessamos). Eles se beijam e vão em direção à ilha que Felipe tinha escolhido dias antes.

3.2 ANÁLISE DA JORNADA DO LUTO

3.2.1 A vivência inicial da perda: choque, negação e dor

Antes de Liz fazer a sua primeira viagem, conhece em Bali o curandeiro Ketut. O conselho que ele dá, de certa forma, irá moldar grande parte da sua jornada. Diz Ketut: "Não olhe o mundo através da inteligência. Olhe através do seu coração. Desse jeito, achará Deus" (*Comer, Rezar, Amar*, 2010).

A primeira etapa do processo de luto, com base no modelo tradicional de Kübler-Ross (1969), é uma condição mental de choque e negação que serve como uma barreira psicológica entre os indivíduos para protegê-los de confrontar a dura verdade sobre a realidade em si. Esta fase é mostrada quando Liz rompe com seu marido Stephen, um relacionamento marcado pelo sofrimento íntimo e sobretudo pela resistência em aceitar o fim do casamento. Também não se sente confortável com suas conquistas materiais, ao afirmar:

Só compramos essa casa há um ano. Será que não queria isso? Participei de cada momento da criação dessa vida. Então, por que não me via mais nela? Por que eu não me imaginava em nada disso? (*Comer, Rezar, Amar*, 2010).

Liz vivencia esta fase nos Estados Unidos e, apesar das evidências concretas tanto de sua separação racional de Stephen quanto de seu estado emocional. Ela é incapaz ou relutante de enfrentar totalmente essa perda e o novo estado em que se encontra. A frase que melhor ilustra esse conflito íntimo é "a única coisa mais insuportável que ficar era ir embora" (*Comer, Rezar, Amar*, 2010). Antes mesmo da perda, já havia um certo conflito na relação com o marido. Este estágio corresponde ao modelo proposto por Elisabeth Kübler-Ross (1969).

De acordo com Kübler-Ross (1969), a negação e o isolamento atuam como mecanismos de defesa que auxiliam o indivíduo a enfrentar a realidade avassaladora da perda, funcionando como um amortecedor psicológico. Esses mecanismos permitem que a pessoa absorva gradualmente a notícia da perda, até que se encontre emocionalmente preparada para confrontá-la.

O filme faz uso de vários recursos que representam esse estado emocional. Pouca iluminação, portas trancadas, close no rosto da protagonista demonstram visualmente a sensação de isolamento. Nos momentos em que Liz está sozinha no quarto, o silêncio, a luz não muito intensa indicam o espaço nada acolhedor que cerca a negação dentro da personagem. O conflito íntimo aparece na expressão facial da própria atriz. São expressões de dúvida, tristeza, como se não quisesse aceitar a perda. Trata-se, portanto, da instalação da primeira tarefa do luto de Worden (1998): aceitar a realidade.

O conflito também pode ser visto entre a intenção de Liz e o que ela faz, quando percebe que não queria mais estar casada. Pensa em correr até a Groelândia, mas ao invés disso fez a seguinte oração:

Olá, Deus. Prazer em conhece-lo, finalmente. Desculpa-me por nunca ter falado com o Senhor antes, mas espero expressar minha gratidão por todas as bênçãos que recebi. Eu estou com um problema sério. Eu não sei o que fazer. Eu quero uma resposta. (*Comer, Rezar, Amar*, 2010).

Ao fazer tal oração, ouve a seguinte resposta: "volte para a cama, Liz" (*Comer, Rezar, Amar*, 2010). O recurso cinematográfico é um espelho no teto que reflete a sua imagem de joelhos, como se a sua voz e a do Criador fossem a mesma. A tensão diminui um pouco quando ela, após muito relutar, finalmente decide pedir o divórcio. No entanto, mostra-se emocional e espiritualmente abalada. A experiência da separação reflete no fato de que ela está cheia de dúvidas com a decisão.

Antes de ir para a Itália, é possível observar na protagonista uma das fases do luto de que fala Kübler-Ross (1969), isto é, a barganha. Sem estar emocionalmente bem, Liz assume um outro relacionamento. Ela admite que trocou rapidamente o marido por David e que está tão confusa quanto antes, conforme diz: "eu não me apaixonei de verdade por ele. O que aconteceu foi que eu saí rapidamente do meu casamento pros braços de David" (*Comer, Rezar, Amar*, 2010). O recurso cinematográfico que demonstra que nada mudou é quando o marido de sua amiga afirma que, no passado, ela se parecia com o marido, e agora, parece-se com David.

Ainda uma vez mais, barganha o tédio pela decisão de visitar três lugares: Itália, Índia e Bali. A barganha fica evidente na frase:

Eu sempre tive esse apetite por comida, pela minha vida. Isso acabou. Eu quero ir para um lugar onde eu possa me maravilhar com alguma coisa: idioma, sorvete, espaguete, alguma coisa. (*Comer, Rezar, Amar*, 2010).

Worden (1998) sugere que aceitar a perda como uma realidade é a primeira missão no luto. Apenas aceitando esse sofrimento, ele pode ser processado e o indivíduo pode se reconectar com a vida e as perspectivas para o futuro. No entanto, Liz evita essa tarefa, encontrando maneiras de negar ou atenuar a sua dor. O Modelo de Processo Dual, formulado por Stroebe e Schut (1999), estende esse modelo explicando como o enlutado passa por um processo de oscilação entre duas orientações: orientação de abordagem para lidar com as emoções em relação à perda (orientação para a perda) e orientação de evitação para afastar-se do confronto com a perda. Liz, de certa forma, vive um conflito.

A primeira cena na Itália revela um certo otimismo. O filme, apenas sugere o pensamento de Liz. Ela se recorda de uma piada italiana e assim seu pensamento é retratado:

Há uma velha piada italiana sobre um homem pobre que vai à igreja todo dia e reza diante da estátua de um grande santo, implorando: querido santo, por favor, por favor, faça-me ganhar na loteria. Finalmente, a estátua ganha vida, olha para o homem e diz: meu filho, por favor, por favor, compre um bilhete. Agora eu entendi a piada, eu tinha três bilhetes. (*Comer, Rezar, Amar*, 2010).

Liz se refere aos três lugares que iria visitar: Itália, Índia e Bali. No entanto, a realidade não muda muito.

Na Itália o conflito continua, uma vez que a busca do prazer, as experiências com os sentidos, os momentos de afirmação da vida não eliminam a tristeza que ainda permanece. Lá, Liz descobre a comida, o vinho e a amizade como uma fuga da dor da perda. Os 11 quilos que ela ganhou são uma manifestação física óbvia da oscilação emocional pela qual ela está passando.

Autocontrole é a habilidade que a pessoa tem de controlar suas emoções e impulsos comportamentais. Ser capaz de postergar recompensas e de controlar nossos impulsos iniciais, a fim de modular nossa experiência e expressão emocionais, promove a saúde mental e física, bem como um ajustamento geral na sociedade. (Hofmann, 2023, p. 71).

A cena da fonte, quando ela perde o controle do jato d'água e fica completamente molhada, serve como um símbolo poderoso e metafórico de um colapso interno, fora de equilíbrio, necessitando de mudança. Esse desequilíbrio é reforçado ainda mais pelo comentário que ela faz a si mesma, quando está olhando para o vestido que se recusa a se ajustar ao seu corpo, indicando não apenas um fardo físico, mas também emocional e mental do momento pela qual está passando.

Segundo Worden (1998), por trás desse sentimento de fragilidade, surge a luta constante com a culpa, que a maioria das pessoas que vivem o luto experimenta nas fases iniciais em algum nível. Liz parece sobrecarregada não só pelo fracasso de seu casamento, mas por suas decisões e como lida com o desenvolvimento da dor. Assim, Liz oscila entre autoperdão e autopunição. Assim se manifesta: "Me sinto tão culpada. Estou em Roma há três semanas e tudo que eu fiz foi aprender algumas palavras e comer". Num outro momento afirma, com certa tristeza: "Eu não estou nada contente com minha calça GG" (*Comer, Rezar, Amar*, 2010).

Ao mesmo tempo, o filme emprega imagens que acentuam um certo isolamento físico e mental e imagens para encorajar a protagonista a superar a dor da perda. São quartos pequenos, iluminação baixa, rápidas tomadas de seu corpo em mudança. Por outro lado, há uma trilha sonora de melodias comoventes e mais animadoras, refletindo a parte emocional positiva da personagem. Portanto, ao lado dos elementos negativos que representam a dor, existe a potencialidade para a mudança. A busca do prazer pode ser vista com uma possibilidade para a reformulação da vida.

Esta oscilação entre dor e prazer, luto e esperança, solidão e busca de interação social mostra como a experiência de luto pode ser entendida como um processo não linear envolvendo progressos, reveses, novos começos. Assim o filme retrata como o luto significa também reconstruir a identidade (Worden, 1998). Liz passa por um período de reidentificação, uma vez que precisa estabelecer nova ordem para sua vida, tomar decisões com relação ao seu corpo, alimentação e relacionamentos sociais.

Liz encontra-se em um momento de dor, negação e busca, mesmo assim, algum meio de prazer. Desta forma, procura alguma forma de recuperação, mas também se encontra vulnerável nesta fase inicial de transição. Assim, o filme fornece ao público uma forma de compreender o sofrimento e como ele pode ser superado. A mudança agora é possível. Após visitar o museu de Otávio Augusto, assim escreve para o namorado:

É um dos lugares mais silenciosos e solitários de Roma. Parece um ferimento precioso ou uma decepção amorosa que não esquecemos, ou um coração partido que você não larga porque dói demais. Queremos que as coisas

continuem as mesmas, David. Vivemos infelizes por medo de mudança. (*Comer, Rezar, Amar*, 2010).

Neste momento Liz se identifica com o próprio museu que ao longo do tempo se transformou. Após afirmar que “A ruína é o presente. A ruína é o caminho para a transformação” (*Comer, Rezar, Amar*, 2010), sente-se um pouco mais tranquila e parte para um retiro espiritual na Índia.

3.2.2 A busca espiritual: reconstrução emocional na Índia

Até então o caminho de Liz está marcado por uma trajetória de choque e rejeição antes de partir para a Índia. Agora filme assume um tom mais espiritual. Esta fase da peregrinação mostra um aspecto no curso do enfrentamento do luto descrito por Worden (1998) e Neimeyer (2001), pois é necessário reconstruir o significado e o relacionamento consigo mesmo para encontrar consolo na perda.

No entanto, no início de sua vigem à Índia, Liz vê um cenário ainda confuso e contraditório. O tráfego barulhento e a pobreza que se manifestam nas ruas são equivalentes ao estado de desordem da protagonista. Desta forma, o meio físico, sobre o qual ela não tem controle, é um reflexo de seu espaço mental: medos, incertezas e uma incapacidade de focar corretamente. Afinal, a meditação era uma das práticas prescritas no ashram (retiro espiritual) para que ela pudesse acalmar a sua mente. Ainda assim, enfrenta barreiras psicológicas e emocionais que não consegue superar. A seguinte afirmação ainda demonstra um certo conflito: "Eu passei um tempo em Roma e cheguei aqui me sentindo tão bem e agora que estou aqui na fonte, eu me sinto mais desconectada do que nunca" (*Comer, Rezar, Amar*, 2010).

Na Índia, Liz vivencia uma parte essencial do seu processo de luto. Ela busca não só uma experiência espiritual, mas também uma nova forma de vitalidade emocional. Teoricamente, é a fase de reconstrução do senso de vida e identidade de que fala Neimeyer (2001), para quem o luto também refere-se a um processo de ressignificação e construção narrativa.

As cenas retratadas na Índia são diferentes daquelas retratadas na Itália. Agora, os lugares de meditação e até iluminação assumem uma qualidade introspectiva e espiritual. Os diálogos são mais profundos, levando o espectador à reflexão.

Quando a protagonista encontra Richard, que também está em luto, consegue compartilhar sua dor e lidar com a culpa e o arrependimento. O apelido que ele dá para Liz, "armazém", demonstra a carga emocional em que ambos se encontram. Ela sente inicialmente dificuldades para a concentração. Mas, com a ajuda de Richard, vai descobrindo aos poucos que nunca será capaz de perdoar a si mesma enquanto não aceitar quem ela é. Esses são fatores indispensáveis para que o enlutado possa acessar a resignificação da perda. Durante o retiro espiritual, Liz sente dificuldade em se concentrar, fica imaginando sua própria sala de meditação e como decorá-la. Richard dá o seguinte conselho:

A sala de meditação está dentro de você, é algo que pode controlar. Se você pudesse limpar esse espaço que está usando de forma obcecada para seu namorado e seu casamento rompido, você teria um corredor. E sabe o que o universo faria com esse corredor? Ele entraria. Deus entraria e te preencheria com mais amor do que você jamais sonhou. (*Comer, Rezar, Amar*, 2010).

A convivência de Liz com Richard, também dominado pela dor da perda, é muito importante para que ela possa externar as emoções reprimidas, numa forma de aceitar-se e compartilhar com o outro a dor da perda, condizente com o pensamento de Worden (1998), que trata do apoio social para superação da dor. A riqueza de sons, imagens e gestos presentes no filme estão de acordo com o pensamento de Morin (1970) e Napolitano (2003), uma vez que o estado emocional da personagem seria difícil de comunicar na linguagem apenas verbal. Assim, a experiência audiovisual leva o espectador a desenvolver uma espécie de empatia em relação às emoções vividas pela personagem.

A protagonista precisa agora resignificar sua vida. Um exemplo significativo de resignificação é quando Liz reescreve sua vida de casada com Stephen. O filme superpõe duas cenas: uma no passado, que realmente ocorreu e outra no presente, apenas imaginária. No dia do seu casamento, seu marido Stephen coloca uma música que não foi aquela que os dois combinaram para que os dois dançassem para os convidados. Era uma melodia dançante para que apenas ele pudesse se exibir diante do público. Ela fica espantada e diz: "Esta não é a nossa música". E ele responde: "Não é mesmo" (*Comer, Rezar, Amar*, 2010). Isso significa o distanciamento afetivo entre os dois, a superficialidade da relação.

A cena que não aconteceu, mas que é vivida intensamente por Liz é a seguinte: ela fecha os olhos e dança uma outra música com o marido. Ele diz: "acho que essa é a música que deveria ter tocado em nosso casamento" (*Comer, Rezar, Amar*, 2010). É uma música lenta e os dois dançam coladinhos. Trata-se da música *Harvest Moon* (Young, 1992), cujos primeiros versos são: "Chegue um pouco mais perto / Ouça o que eu tenho a dizer / Como crianças dormindo".

E Liz se imagina dizendo para Stephen: "Então me ame e me mande amor e luz toda vez que pensar em mim, depois me esquece". Um outro trecho da canção diz: "Eu quero te ver dançar novamente". E eles estão dançando novamente (*Comer, Rezar, Amar*, 2010). É um diálogo simbólico, isto é, o que deveria ter acontecido se sobrepõe ao que aconteceu, como forma de superar a dor do luto.

3.2.3 Reconstrução e reinvestimento na vida: o equilíbrio emocional em Bali

O último destino, onde Liz reinicia como uma mulher emocional após o luto novamente, é Bali, Indonésia. Esta última parte de sua peregrinação corresponde ao modelo de Worden (1998) das tarefas de luto. Aqui em Bali, testemunhamos Liz não apenas lamentando o que foi perdido, mas também se adaptando, de forma bastante rápida, a um mundo desconhecido em relação ao que ela habitava anteriormente.

Agora, o filme retrata cores vibrantes, iluminação intensa e uma natureza exuberante. A primeira cena transmite ideia de leveza e liberdade, pois Liz está andando de bicicleta com os cabelos soltos ao vento. O ar livre, os planos amplos sugerem uma nova fase emocional da protagonista, agora aberta a novas experiências e capaz de reconstruir sua vida.

Quando Liz reencontra Ketut, o curandeiro não a reconhece, de imediato: "Última vez, você tinha muita preocupação, muita mágoa. Última vez, parecia uma velha triste. Agora você está bonita" (*Comer, Rezar, Amar*, 2010). Trata-se de uma outra pessoa, em processo de construção. Percebe ainda que, ao copiar os ensinamentos de Ketut, ela mesma acaba absorvendo uma sabedoria que vai utilizar de agora em diante.

O relacionamento entre Liz e Felipe, que possui suas próprias histórias de perda e recuperação, pode significar o reinvestimento emocional próprio do Modelo de Processo Dual de Stroebe & Schut (1999). Ao mesmo tempo em que se reconcilia com o luto, a protagonista também se abre uma vez mais para o amor. A forma com que eles se conhecem é muito simbólica, pois ela está andando de bicicleta, enquanto ele está num Jeep, rebobinando uma fita que enroscou. É como se os dois, a partir de agora, fossem também rebobinar, ressignificar suas vidas.

Durante a primeira relação sexual entre Liz e Felipe, filme usa a música '*S Wonderful*' (Gershwin & Gershwin, 1927; interpretação João Gilberto), cujos primeiros versos são: "É fantástico, maravilhoso / Que você se importe comigo" (*Comer, Rezar, Amar*, 2010). Os versos

falam de reciprocidade, de troca afetiva. Logo em seguida, quando ela ainda está na casa de Felipe, ele coloca a música *Wave* (Jobim, 1967; interpretação João Gilberto), cuja primeira estrofe é: "Vou te contar/ Que os olhos já nem podem ver/Coisas que só o coração pode entender/ Fundamental é mesmo o amor/ É impossível ser feliz sozinho" (Comer, Rezar, Amar, 2010). Assim a celebração da vida deve ser compartilhada. Desta forma, o filme mostra que o luto não é apenas sofrimento, mas sobretudo uma rica oportunidade de reconstrução e autodescoberta da vida, a fim de adquirir equilíbrio emocional.

Em Bali, Liz reconstrói não apenas a si, mas também estende esta reconstrução para a sociedade. O relacionamento com a comunidade, personificado por personagens como o curandeiro Ketut e a curandeira Wayan são elementos importantes para que o luto não seja visto como um processo isolado, mas como uma experiência transformadora e compartilhada. Ao ajudar a curandeira Wayan e sua filha Tutti, toda a história adiciona uma camada de solidariedade e responsabilidade social. No dia do seu aniversário, Liz assim escreve para parentes e amigos a fim de juntar dinheiro para comprar uma casa para Wayan e a filha:

Esse pequeno grupo de pessoas em Bali se tornou a minha família. Temos que cuidar da nossa família, onde quer que a gente encontre essa família. Quando ajudamos uma pessoa, ajudamos Tutti. (Comer, Rezar, Amar, 2010).

No entanto, há também momentos do relacionamento de Liz com Felipe que demonstram o medo de uma reunificação psicológica. Quando Felipe propõe que os dois passem alguns dias em uma ilha isolada, ela ainda sente medo e não aceita. Quando ela vai procurar o curandeiro Ketut, já decidida a partir, ele diz algo significativo para que ela possa ter segurança de si mesma: “perder o equilíbrio no amor faz parte de uma vida equilibrada” (Comer, Rezar, Amar, 2010).

Esta fase da jornada se encaixa no que foi definido pelo Modelo de Processo Dual que permite enfrentar a perda e se reestruturar emocionalmente. Liz não nega mais a dor, mas também não a deixa consumir: ela pode amar, planejar e experimentar felicidade mesmo sabendo que a perda está em seu passado. Liz agora pode escolher. Antes da cena final, Liz faz uma reflexão que, mais uma vez, seria importante de destacar. Ela denominou a sua reflexão como física da procura:

Se você tiver coragem de largar tudo, se for corajoso o bastante para deixar para trás tudo o que é familiar e confortável e planejar uma viagem de busca verdadeira, seja exterior ou interna, e se considerar tudo o que aconteceu com você nessa viagem uma pista e se aceitar todos como seus professores e se estiver preparado, acima de tudo a

enfrentar e perdoar algumas realidades bem difíceis sobre si mesmo, a verdade não será negada a você (*Comer, Rezar, Amar*, 2010).

A palavra italiana “*attraversiamo*” (atravessamos), que Liz emprega na cena final é carregada de simbolismo. Pode significar atravessar, passar ou transcender. Esta preferência linguística sugere a coragem não apenas de atravessar o luto, mas também de superar as dúvidas e medos que o processo requer. A palavra está no plural, o que significa que ela e Felipe, podem ser autores da narrativa de suas vidas e construir uma nova ordem emocional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou fornecer uma análise comparativa e interdisciplinar sobre a representação do luto simbólico, tendo como objeto a experiência emocional da personagem Liz no filme *Comer, Rezar, Amar*.

Algumas propostas teóricas de modelos de luto também foram revisadas: o modelo de estágios do luto de Elisabeth Kübler-Ross e as tarefas de luto desenvolvidas por William Worden, bem como o Modelo de Processo Dual descrito por Margaret Stroebe e Henk Schut, além da abordagem construtivista e narrativa proposta por Robert Neimeyer.

O filme acompanha Liz em sua jornada por três diferentes estágios de luto: choque e negação (Itália), experiência espiritual (Índia) e tristeza à alegria (Bali). A representação cinematográfica, através da narração, escolha cenográfica, luz, trilha sonora, demonstra as diversas experiências vividas pela personagem até a sua recomposição psicológica no final. Além disso, o filme revela proporções não apenas para visualizar, mas também para expressar e exibir o luto simbólico.

Além disso, o filme oferece chances de representação, mas também de expressão e mediação do luto simbólico. As reflexões de Edgar Morin e Marcos Napolitano sobre cinema foram muito importantes para a presente pesquisa. Como sistema, a linguagem do cinema é inclinada a sensibilizar e encorajar a reflexão perpétua em relação ao luto em seus múltiplos estágios.

O filme também é um relato de como o luto pode não ser tanto um processo solitário, mas algo para se lutar contra e com outras pessoas. As conexões que ela faz

com personagens como Richard e Felipe; a solidariedade que descobre na curandeira Wayan e sua filha, Tutti, provam que o luto pode ser um ato coletivo ou social.

Porém, mesmo que um filme possa oferecer retratos emocionalmente ricos e belos do luto, não devemos esquecer que esta é apenas uma maneira de mostrá-lo. Nesse sentido, teria sido interessante comparar outras filmografias de diferentes horizontes socioculturais para contribuir com uma imagem mais ampla das experiências de luto.

Este é um trabalho em que a psicologia encontra o cinema. É também indicativo de como os profissionais de saúde podem ter que aprender de forma cruzada com outras áreas para desenvolver uma compreensão mais profunda de construções humanas complexas como o luto. Isso pode ser alcançado estabelecendo um diálogo entre teoria e obras de arte que enriquece as bases científicas e os instrumentos tecnológicos produzidos para lidar com o sofrimento das pessoas.

O filme também é o tópico deste artigo: além do luto, o artigo foca não apenas no papel do cinema ao representar o luto simbólico, mas também sublinha a importância de descrever diferentes tipos de perda e suas consequências psicológicas e sociais.

Além deste trabalho, os resultados da pesquisa atual são importantes também para o campo da psicologia. A análise do arco emocional de Liz mostra que o luto simbólico pode ocorrer em relação a um processo subjetivo, gradual e não linear, sublinhando o valor da capacidade dos terapeutas de validar perdas que não envolvem morte física, mas tendem a ser muito emocionais e psicológicas por natureza. Compreender a natureza simbólica do luto pode permitir que os profissionais reconheçam melhor os sinais de ruptura emocional, desorganização emocional ou reestabelecimento de autoconceitos e, portanto, respondam com respostas mais sensíveis e empatia ao luto através da escuta empática e da construção de significado. No sentido de que as representações cinematográficas também representam uma estrutura terapêutica, elas atuam como formas de expressar afeto, reforçar maneiras de identificar e também facilitar o ato de falar para e a partir da dor, transformação e o diálogo clínico da reconstrução subjetiva.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

COMER, REZAR, AMAR. [Filme]. Direção: Ryan Murphy. Estados Unidos: Columbia Pictures; Participant Media, 2010. Disponível em: <https://www.hbomax.com>. Acesso em: 20 mar. 2025.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

GERSHWIN, George; GERSHWIN, Ira. 'S Wonderful. Interpretação: João Gilberto. Em: *COMER, REZAR, AMAR* [Filme]. Direção: Ryan Murphy. Estados Unidos: Columbia Pictures; Participant Media, 2010. Disponível em: <https://www.hbomax.com>. Acesso em: 20 mar. 2025.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOFMANN, Stefan G. *Emoção em terapia: da ciência à prática*. Tradução de Carmem Beatriz Neufeld e Pedro Augusto Machado Fernandes. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2023.

JOBIM, Antônio Carlos. *Wave*. Interpretação: João Gilberto. Em: *COMER, REZAR, AMAR* [Filme]. Direção: Ryan Murphy. Estados Unidos: Columbia Pictures; Participant Media, 2010. Disponível em: <https://www.hbomax.com>. Acesso em: 20 mar. 2025.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *On death and dying*. New York: Macmillan, 1969.

LUNA, Ivania Jann; MORÉ, Carmen Ojeda. Narrativas e processo de reconstrução do significado no luto. *Revista M: Estudos sobre a Morte, os Mortos e o Morrer*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 152–172, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://seer.unirio.br/revistam/article/view/8154>. Acesso em: 17 ago. 2025.

MACEDO, L. F.; SILVA, M. A.; GONZAGA, D. S. S. Análise comparativa da teoria das fases do luto: o idealizado e o ensinado. *Revista de Psicologia da Unesp*. Disponível em: <https://revistaft.com.br/analise-comparativa-da-teoria-das-fases-do-luto-o-idealizado-e-o-ensinado>. Acesso em: 5 set. 2025.

MORAES, Vinícius de; POWELL, Baden. *Samba da bênção*. Em: *Samba da bênção*. Elenco: Vinícius de Moraes e Baden Powell. RGE, 1963.

MORIN, Edgar. *O cinema ou o homem imaginário*. Tradução de Antônio-Pedro Vasconcelos. Lisboa: Arcádia, 1970.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

NEIMEYER, Robert A. (org.). *Meaning reconstruction and the experience of loss*. Washington, DC: American Psychological Association, 2001.

NETTO, José Valdeci Grigoletto. Luto não reconhecido: um conceito dinâmico nos (des)caminhos da perda. *Revista de Psicologia da UNESP*, v. 29, n. 2, p. 123–137, 2021. Disponível em: <https://rdu.unicesumar.edu.br/bitstream/123456789/10767/1/679044.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2025.

PEDREIRA, A. M.; SANTOS, G. S. Contribuições do modelo do processo dual e da teoria do apego no enfrentamento do luto perinatal. *Revista de Estudos e Pesquisa em Psicologia*, v. 11, n. 6, p. 653–665, 2025. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/19759/11765>. Acesso em: 24 set. 2025.

ROLDÃO, Flávia Diniz; ASINELLI-LUZ, Araci. *Morte, luto e educação: ensaios imaginativos*. Curitiba: Editora CRV, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/392086328_MORTE_LUTO_E_EDUCACAO. Acesso em: 12 jun. 2025.

STROEBE, Margaret; SCHUT, Henk. The dual process model of coping with bereavement: rationale and description. *Death Studies*, v. 23, n. 3, p. 197–224, 1999.

WORDEN, J. William. *Terapia do luto*. 2. ed. Tradução de Max Brener e Maria Rita Hofmeister. Consultoria e revisão técnica de Ligia Schermann. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

YOUNG, Neil. *Harvest moon*. Interpretação: Neil Young. Em: *COMER, REZAR, AMAR* [Filme]. Direção: Ryan Murphy. Estados Unidos: Columbia Pictures; Participant Media, 2010. Disponível em: <https://www.hbomax.com>. Acesso em: 20 mar. 2025.